

Num fim de tarde de Junho, em meados do século passado, Mrs Eileen Connulty atravessou a cidade de Rathmoye: do N.º 4 da Praça Central até Magennis Street, entrando na Hurley Lane, ao longo da Irish Street, passando por Cloughjordan Road para chegar à Igreja do Santíssimo Redentor. Aí passou a noite.

A vida que chegara ao fim fora marcada por boas obras e determinação, com certa severidade em assuntos domésticos e familiares. A expectativa de contentamento pessoal, que muito tempo atrás conduzira Mrs Connulty a aceitar o estado conjugal e o parto de duas crianças, abandonara-a desde então: o marido e a filha tinham sido uma desilusão. Com o aproximar da morte, receava ver-se agora obrigada a juntar-se ao marido e rezava para que isso não acontecesse. A filha, era com alívio que se separava dela; ao filho — agora com cinquenta anos, o seu querubim desde que o segurara pela primeira vez nos braços em bebé —, deixava-o para trás com lágrimas.

As persianas das casas particulares, fechadas enquanto o caixão desfilava, depressa foram abertas após a sua passagem. As lojas que tinham fechado abriram outra vez. Os homens que tinham descoberto as cabeças voltaram a pôr os chapéus ou os bonés, as crianças que tinham parado de brincar na Hurley Lane já não eram impedidas de continuar. Os agentes funerários desceram os degraus da igreja. A missa de amanhã contaria com a presença de um bispo; até ao último momento, Mrs Connulty teria tudo o que lhe era devido.

Dizia-se nesses tempos que a família a que Mrs Connulty passara a pertencer com o seu casamento era dona de metade de Rathmoye, uma impressão suscitada pelas suas várias propriedades: o *pub* em Magennis Street, a carvoaria em St Matthew Street e o N.º 4 da Praça Cen-

tral, uma hospedaria fundada pelos Connultys em 1903. Nas décadas seguintes, procedera-se à aquisição de outros imóveis na cidade; uma vez consertados e de um modo geral restaurados, contribuíam com rendas modestas que, acumulando-se, perfaziam uma soma considerável. Ainda assim, dizer que os Connultys detinham metade de Rathmoye era um exagero.

Compacta e vulgar, Rathmoye era uma cidade situada num pequeno vale, aí crescendo por nenhuma razão que se conhecesse ou indagasse. Os agricultores traziam o gado na primeira segunda-feira de cada mês e levantavam dinheiro num dos dois bancos da cidade. Arrancavam os dentes no dentista que tinha consultório na Praça, de tempos a tempos consultavam um solicitador, inspeccionavam as alfaias agrícolas na loja do Des Devlin na Nenagh Road, compravam sementes a Heffernan, bebiam num dos muitos *pubs*. As mulheres compravam comida no armazém Cash and Carry ou, se não estivessem em poupanças, no McGovern's; sapatos no Tyler's; roupas, cortinas e oleados na loja de tecidos do Corbally. Em tempos tinha havido emprego na fábrica e na central eléctrica da fábrica, isto antes do esquema Shannon<sup>1</sup>; agora havia emprego na leitaria e na fábrica de leite condensado, nas obras, em lojas e *pubs*, na fábrica de água engarrafada. A cidade tinha um tribunal, situado na Praça, e, no final da Mill Street, uma estação ferroviária abandonada. Tinha duas igrejas e um convento, uma escola dos Irmãos Cristãos e uma escola técnica. O projecto de construção de uma piscina aguardava a angariação de fundos.

Nada acontecia em Rathmoye, diziam os seus habitantes, mas muitos deles continuavam a lá viver. Eram os jovens que partiam — para Dublin ou Cork ou Limerick, para a Inglaterra, às vezes para a América. Vários voltavam. Que nada acontecesse era também um exagero.

A missa de corpo presente decorreu na manhã do dia seguinte, e, quando terminou, aqueles que choravam a morte de Mrs Connulty reuniram-se fora dos portões do cemitério e declararam que ela nunca seria esquecida na cidade e arredores. As mulheres que tinham trabalhado empenhadamente a seu lado na Igreja do Santíssimo Redentor asseveravam que Mrs Connulty fora um exemplo para todas elas. Recordaram como nenhuma tarefa lhe parecia demasiado servil, como nunca lamentava as horas passadas a polir as placas votivas ou a raspar a cera derretida das velas. Em sessenta anos nunca havia faltado água fresca às flores do altar; os folhetos das missões eram substituídos sempre que necessário. Tinha feito pequenos remendos nas sotai-

nas e nas sobrepelizes e nas batinas. Lavar as lajes do coro fora sempre para ela uma tarefa sagrada.

Enquanto se partilhavam recordações e se continuava a louvar a vida que chegara ao fim, um homem novo, num fato de *tweed* em tons pálidos que dava um pouco nas vistas naquela manhã quente, fotografou sub-repticiamente a cena. Antes disso, tinha pedalado sete milhas e meia desde casa quando a bicicleta foi retida pelo trânsito do funeral. Vinha fotografar o cinema da cidade, destruído por um incêndio de que ouvira falar numa outra pequena cidade parecida com Rathmoye, onde recentemente fotografara a perigosa situação de um renque de casas arrancadas das suas fundações por uma derrocada.

Magro e de cabelo escuro, com vinte e poucos anos, o jovem era um desconhecido em Rathmoye. A sugestão de uma elegância premeditada — na sua atitude em geral, na gravata garrida às riscas verdes e azuis — era repudiada pelo aspecto confortável e largueirão do fato. Os traços do rosto continham um enganador elemento de seriedade na sua fisionomia natural, contribuindo ainda mais para esta impressão contraditória. Chamava-se Florian Kilderry.

«É o funeral de quem?», perguntou ele aos presentes, aproximando-se deles depois de se ter posicionado por algum tempo atrás de um carro estacionado para poder tirar as suas fotografias. Acenou com a cabeça quando foi informado, depois pediu direcções para chegar ao cinema arruinado. «Obrigado», disse ele educadamente, com um sorriso afável. «Obrigado», repetiu, e empurrou a bicicleta ao longo do cortejo fúnebre.

Nem o filho nem a filha de Mrs Connulty sabiam que o funeral tinha sido registado desta maneira, e quando fizeram o caminho, separadamente, de volta ao N.º 4 da Praça Central, continuavam a ignorar este inesperado desenvolvimento. A multidão começou então a dispersar, muitos para se reunirem outra vez no N.º 4, outros para regressarem à sua manhã interrompida. O último a partir foi um velho protestante chamado Orpen Wren, que acreditava que o caixão então inumado continha os restos mortais de uma ajudante de cozinha idosa cuja morte ocorrera trinta e quatro anos antes numa casa que ele em tempos conhecera bem. O murmúrio respeitoso das vozes à sua volta abrandou até desaparecer; os carros partiram. Sozinho, Orpen Wren permaneceu onde estava por uns momentos até que também ele seguiu o seu caminho.

\*

Enquanto pedalava na sua bicicleta e deixava para trás a cidade, Ellie perguntava-se quem seria o homem que tinha estado a tirar fotografias. Pela maneira como inquirira pelo velho cinema via-se que não conhecia Rathmoye, e ela nunca o tinha visto nas ruas ou numa das lojas. Estaria ele relacionado com os Connultys, perguntava-se, afinal os Connultys eram os donos do cinema e Mrs Connulty tinha ido hoje a enterrar. Nunca tinha visto ninguém a tirar fotografias num funeral e pensou que os Connultys podiam tê-lo contratado. Ou talvez trabalhasse para um jornal, o *Nenagh News* ou o *Nationalist*, porque às vezes via-se fotografias de um enterro nos jornais. Se tivesse voltado à casa da família depois, podia ter perguntado a Miss Connulty, mas hoje esperava a visita do homem da inseminação artificial e tinha dito que estaria em casa para o receber.

Apressou-se para não chegar atrasada, mas tinha planeado tudo para que isso não acontecesse. Gostaria de ter voltado à casa da família. Gostaria de ter visto como era por dentro, coisa que nunca tinha acontecido, apesar de fornecer ovos a Mrs Connulty há já muito tempo.

Talvez as fotografias tivessem sido encomendadas pelos padres, talvez o padre Balfé tivesse um álbum da paróquia, a irmã Clare tinha-lhe dito que às vezes os padres têm álbuns desses. Era provável que fosse o padre Balfé, mais do que o Padre Millane, não que ela soubesse o que o álbum conteria. Perguntava-se se também ela estaria numa das fotografias. Quando a máquina se preparava para disparar, lembrava-se de ter visto mãos esguias e de aparência frágil.

A carrinha branca estava no pátio e Mr Brennock saía de dentro dela. Ellie pediu desculpa e Mr Brennock disse ora essa. Ellie disse que ia preparar-lhe uma chávena de chá.

\*

Depois de uns quantos minutos no que restava do cinema, Florian Kilderry suspendeu a sua viagem e entrou num *pub* à beira da estrada chamado Dano Mahoney. No cinema, tinha sido interrompido por um homem que reparara na bicicleta e que entrara para lhe dizer que não podia estar ali. O homem apontara para um letreiro e Florian respondera que não o tinha visto, mesmo não sendo verdade. «Precisa de uma autorização», informou o homem mal-humorado, admitindo depois, ao fechar bruscamente os dois cadeados da porta, que eles não deviam ter ficado abertos. «Vá ter com Miss O'Keeffe na carvoaria»,

aconselhou. «Ela dá-lhe a autorização se achar conveniente.» Mas quando Florian perguntou onde ficava a carvoaria, o homem respondeu que ela hoje estava fechada em sinal de respeito. «Deve ter reparado que houve um funeral», acrescentou.

No *pub*, Florian levou um copo de vinho para um canto e acendeu um cigarro. A viagem fora uma perda de tempo, o funeral inesperado era a única compensação, e tentou rever de memória as imagens que colecionara. Os presentes conversavam em grupos de dois ou três, entre eles um padre e várias freiras. Uns poucos, sozinhos, tinham começado a abandonar o local; outros deixavam-se ficar, com ar embaraçado, como se achassem que deviam ficar mais algum tempo. Era uma cena familiar: já tinha fotografado funerais antes, uma vez ou duas tinham-lhe pedido que parasse. Por vezes assistia-se a um momento dramático ou a uma manifestação incontrolável de dor, mas não hoje.

Por outro lado, o que tinha conseguido ver do cinema era bastante promissor. Atrás do vidro partido, um cartaz continuava a anunciar o filme *Idiot's Delight*, o rosto de Norma Shearer golpeado e distorcido. Estava a escrutinar este rosto quando o homem começou a gritar com ele, mas Florian nunca fazia caso destas interrupções. O Coliseum, era como se chamava o cinema, som Western Electric recentemente instalado.

O cheiro de *bacon* frito pairava sobre o balcão, bem como as vozes de um rádio. Heróis do desporto — da luta livre, do boxe, das corridas de cavalos, do *hurling*<sup>2</sup> — decoravam as paredes, na companhia de galgos ingleses e de cavalos em provas de obstáculos. O dono do *pub*, declarava um artigo de jornal emoldurado, fora em tempos pugilista, tinha aguentado cinco *rounds* com Jack Doyle, as luvas que usara estavam penduradas numa prateleira atrás do balcão. «Bata no balcão se quiser mais um copo», disse-lhe uma mulher depois de o ter aliciado a provar uma refeição preparada por ela. Mas Florian respondeu que aquele copo bastava. Deixou-se ficar sentado mais algum tempo, a acabar um segundo cigarro, e depois levou o copo vazio para o balcão. Uma voz disse-lhe adeus e convidou-o a voltar um dia. Ele disse que voltaria.

Lá fora, ao sol morno do princípio da tarde, deixou-se ficar por uns poucos minutos com os olhos semicerrados e as costas apoiadas numa das colunas da porta de entrada. Depois, pedalando devagar, seguiu viagem. Vivia sozinho. Não tinha pressa.

\*